

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Dia Class.: 48

Data 28/08/93 Pg.: _____

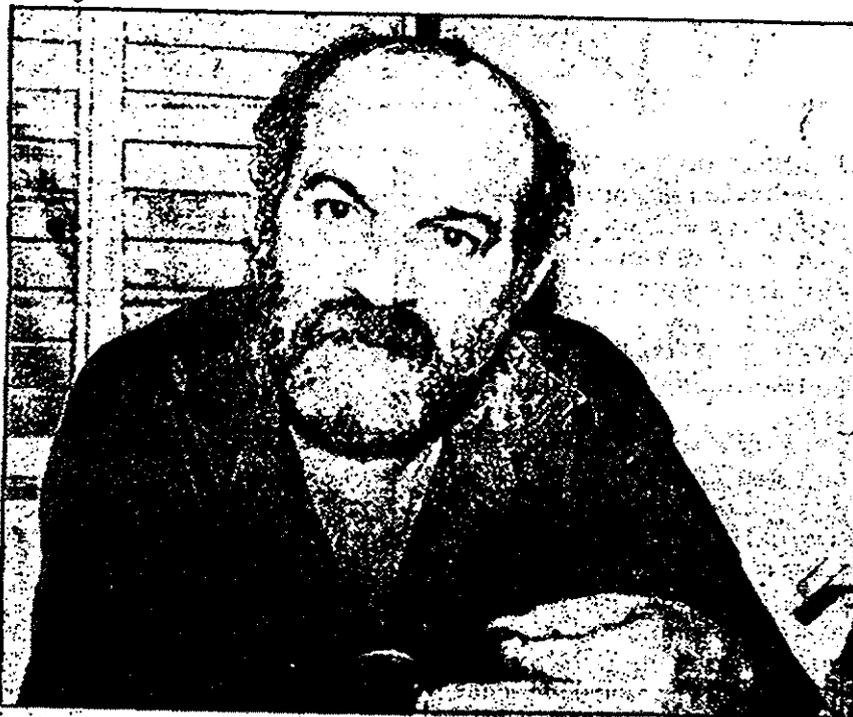
Funai: Administrador rebate acusações

O administrador Regional da Funai do Amapá, Antônio Pereira Neto, disse ontem que são infundadas as acusações feitas pela prefeita de Água Branca do Amapari, Socorro Pelaes, de que está havendo exploração irregular de garimpo na reserva indígena Waiãpi. As denúncias dão conta de que a antropóloga Dominique Gallois coordena a exploração de ouro e pedras preciosas na reserva, utilizando-se dos índios. Ele reafirma que houve ameaça de invasão na reserva feita por garimpeiros. Antônio Neto lembra que nos anos 70, aconteceram várias invasões que foram repelidas pelos próprios índios e pela Polícia Federal. Em dezembro de 1990, vários garimpeiros foram expulsos pelos índios no garimpo de Monte Negro, ao norte da reserva, quando chegaram a queimar um avião. Em 17 de abril de 1991 os índios expulsaram sete garimpeiros. Isso demonstrou, segundo Antônio Neto, a preocupação constante da Funai para evitar a invasão de garimpeiros nas áreas indígenas.

ESQUADRÃO DA MORTE

O administrador regional da Funai afirma que no final do mês de julho recebeu um telefonema anônimo, no qual lhe teriam garantido que estava sendo articulada uma invasão de cerca de dois mil homens. O alvo seria o garimpo denominado Esquadrão da Morte. Essa in-

E. Chagas



Antônio Neto garante que denúncias da prefeita de Amapari são infundadas.

formação foi confirmada por ele em contatos feitos com alguns garimpeiros em Macapá, que procuraram a administração da Funai para receber informações sobre um possível cadastramento que o órgão estaria realizando, para liberação de áreas da reserva para garimpagem de ouro e pedras preciosas. Na ocasião, disse Antônio Neto, a Funai procurou notificar o governo do Estado, a Procuradoria-Geral da República, a Polícia Federal e a Assembleia Legislativa do Estado, para que fosse desarticulada a possível invasão. Além disso, ele denun-

ciou a tentativa de invasão à imprensa local. "Essas providências fizeram com que fosse inibida qualquer tentativa de invasão da área da reserva Waiãpi", disse Antônio. O fato de algumas pessoas acharem que o perigo de invasão da reserva Waiãpi é ficção está sendo contestado por Antônio Neto. Ele afirma que durante a visita da CPI da Ecologia à reserva indígena, no último dia 21 de agosto, algumas pessoas perguntaram aos deputados quando a Funai iria liberar a área indígena para garimpagem. Isso representa um interesse real de

garimpagem nas terras dos índios.

CASO DOMINIQUE

Sobre as denúncias da prefeita de Amapari, Socorro Pelaes, de que a antropóloga Dominique Gallois estaria agenciando o trabalho escravo indígena em garimpagem de ouro, trocando ouro dos índios por bugingangas com o apoio do administrador regional da Funai. Antônio Neto garante que as denúncias são infundadas. Ele disse que Dominique Gallois trabalha com os Waiãpi desde 1976, e fez parte de todos os grupos de trabalho que identificaram e delimitaram a área indígena. Possui tese de doutorado sobre esses índios e é a maior conhecedora sobre os Waiãpi em todo o mundo, uma especialista que a Funai não pode prescindir de seu apoio. Como intelectual, ela assessora o Núcleo de Educação Indígena do governo do Estado na reserva, como também é responsável por alguns projetos de auto-sustentação que estão sendo aplicados na área.

Um desses projetos é de recuperação de áreas degradadas e incentivo à garimpagem manual. Esse projeto foi posto em prática em 1991, aprovado pela Secretária de Meio Ambiente da Presidência da República (Semam), que, inclusive, enviou técnicos à reserva Waiãpi que aprovaram a realização do projeto. Esse projeto conta com o apoio da Fundação Mata Vir-

gem, da Noruega e da Comunidade Européia, que enviarão técnicos à reserva no ano passado para verificar como o projeto está sendo colocado em prática. Nesse projeto é feito o levantamento dos locais onde existe maior concentração de ouro, através de geólogos, que ensinam os índios a trabalhar na garimpagem manual, utilizando apenas uma bomba de sucção de água sem utilizar mercúrio. Esse trabalho envolve cerca de 10 índios apenas, para uma população de 391 em toda a reserva. A garimpagem, garante Antônio Neto, não polui os rios e nem afeta o dia-a-dia dos índios, porque é feita apenas no período de verão, em comum acordo com a roça, que é plantada próximo ao local de garimpagem.

A finalidade do projeto é principalmente ocupar todo o espaço da reserva através de atividades econômicas, tirar os índios das aldeias grandes para facilitar sua saúde e replantar em áreas degradadas pela garimpagem feita por garimpeiros brancos. Antônio Neto garante que os índios não compram bugingangas com o dinheiro do ouro. Esse dinheiro é usado apenas para compra de munição para caça e pano vermelho. "Quando os índios querem comprar bugingangas eles fazem artesanato. É que uma coisa fique bem clara: dinheiro de ouro é sagrado para os índios", concluiu.